

ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS EM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Reassilva Trilha Muniz¹, Rose Mary Vieira dos Santos Amoury²

Abordando o assunto estágio supervisionado em curso de formação de professores, organizou-se esta produção para relatar as vivências de uma supervisora de estágio, que além de cumprir a sua função de exercer a supervisão de estágio, ousou enfrentar o desafio de colocar os seus estagiários frente a alunos de escolas públicas matriculados do 6º ao 9º ano, mas que não possuíam a competência leitora necessária, compatível com esses níveis de escolaridade. Esses alunos vinham evoluindo nas séries e anos letivos, mas continuavam sem dominar os mecanismos da leitura e escrita, daí o interesse em incluí-los no projeto “turma da Leitura” para resgatar essas práticas. O trabalho intenso dos estagiários para enfrentar o desafio de ensinar crianças e adolescentes a ler e escrever foi planejado e executado, tendo em vista atingir os propósitos definidos na proposta de estágio do Curso de Pedagogia, numa experiência singular, que foi superando cada etapa a ser vencida.

Palavras-chave: Aprendizagem. Estagiários. Lectoescrita.

Addressing the subject internship in teacher training course, this production was organized to report the experiences of an internship supervisor, which in addition to its role of exercising probation supervision, dared to face the challenge of putting your trainees front public school students enrolled from 6th to the 9th year, but lacked the necessary reader competence compatible with these levels of schooling. These students were evolving in the series and school years, but remained without mastering the mechanics of reading and writing, hence the need to include them in the project "reading group" to redeem these practices. The intense work of the interns to face the challenge of teaching children to read and write was planned and executed, with a view to achieving the goals settled out in the draft stage of pedagogy course, a singular experience, which was overcoming each accomplished step.

Keywords: Learning. Interns. Lectoescrita.

¹ Mestre. Docente do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC; Av. Filadélfia, 568; Setor Oeste; CEP: 77.816-540; Araguaína - TO. Email: reatm@hotmail.com.

² Especialista. Docente do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC. Email: rosemariys2009@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Objetivando socializar uma experiência de estágio supervisionado em curso de formação de professores, coloca-se em pauta fatos vivenciados por uma supervisora de estágio, que acompanhou uma experiência exitosa de seus alunos, ressaltando aspectos significativos que serviram como elementos de convicção aos acadêmicos de que ensinar para que os alunos aprendam consiste em ação estimuladora, trazendo a certeza de querer investir na profissão docente.

O estágio pela sua própria caracterização é motivo de preocupação e insegurança ao estagiário, mas estágio movido pelo entusiasmo de prestar um serviço de elevado interesse social e pedagógico, um exercício de responsabilidade social, previsto com o intuito de recuperar um tempo e uma vivência sem sucesso, ocasionados pela não-aprendizagem, passa a ser encarado sob outro prisma, trazendo expectativas para atuar com grande empenho para resgatar aquilo que não foi construído no decorrer do processo de alfabetização. O acadêmico engaja-se no trabalho despreocupando-se com a posição de estagiário, tendo como foco primordial a sua contribuição com a aquisição da competência leitora e escritora de crianças, que já vinham se conformando com suas próprias perdas.

Este estudo apresenta a possibilidade de criar condições para que alunos construam os elementos necessários para que se efetive o ato de aprender e para que os estagiários internalizem que "a aprendizagem ocorre socialmente." (VYGOSTKY, 1998)

Uma experiência de estágio diferente e competente é aqui registrada, permitindo que os estagiários percebam, que mesmo enquanto estudantes, eles podem desfrutar da satisfação própria daqueles professores que exercem a docência, preocupados com o resultado de suas ações.

2. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM EXERCÍCIO EM DIREÇÃO À APRENDIZAGEM

O Estágio Supervisionado é componente obrigatório da estrutura curricular do Curso de Pedagogia, podendo ser entendido como eixo articulador entre teoria e prática, permitindo ao acadêmico entrar em contato direto com a

realidade profissional. Essa articulação proporciona o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à formação docente.

Entendendo que o estágio é uma maneira peculiar de fazer pesquisa e, ao mesmo tempo, de inserir na realidade do cotidiano escolar os saberes adquiridos, no decorrer do curso, o acompanhamento do estágio ocorre sob a modalidade de aulas presenciais para estudo de algumas teorias norteadoras, para o acompanhamento *in loco* e para a orientação da escrita dessas experiências vivenciadas.

O mundo contemporâneo exige um profissional que esteja em sintonia com a realidade para a qual se prepara e o estágio é uma atividade que possibilita um estreito diálogo com a realidade concreta. Além de colocar o acadêmico frente a frente com a situação real, sem perder a consciência de que ainda está no percurso, o estágio constitui-se na etapa de constatação da importância da junção teoria-prática e da confirmação de que as ações próprias da profissão são aquelas que delineiam o perfil do pedagogo e de suas atribuições. Daí a necessidade da presença do supervisor de estágio para orientar os trabalhos e assim contribuir para a formação de um profissional mais organizado, mais seguro e mais competente.

Cada período destinado ao estágio tem um foco de atuação, conforme prescreve a ementa do curso onde a carga horária está dividida em aulas presenciais, estágio de docência, estágio de gestão, registro das atividades e leitura de obras ligadas ao estágio, tudo isso precedido pelas práticas de ensino das disciplinas de Fundamentos e Metodologias de Ensino, que integram as diferentes áreas de conhecimento, necessárias à formação do docente, na abrangência dos anos iniciais.

Lima (2002, p 243) assim se pronuncia sobre o assunto:

É nosso objetivo refletir sobre a contribuição dos estudos e práticas sobre a formação continuada para estágios supervisionados, enquanto componente curricular dos cursos de formação de professores [...] quando se fala em metodologia em sala de aula a grande maioria das pessoas pensa em como fazer, em como elaborar e aplicar técnicas de ensino. Na metodologia estão presentes os conceitos, a

compreensão do mundo, os valores e a ética profissional do professor, entendida aqui como o sentido que se dá à profissão{...}

Antes de ir a campo os acadêmicos receberam as orientações para o estágio, quais sejam: usar uma camiseta com identificação do Curso ou um crachá; apresentar o ofício ao responsável da instituição para receber a autorização para a realização do estágio e portar a planilha de estágio.

Além disso, o estagiário precisa estar seguro do conteúdo a ser ensinado, da metodologia de ensino a ser utilizada, do manejo de sala e principalmente do compromisso de ensinar. Nesse plano diário devem constar todos os elementos que compõem o plano de aula.

Os registros podem ser feitos no caderno, desde que sejam apresentados para a supervisora de estágio analisar, contendo as informações necessárias para o entendimento e acompanhamento da ação desempenhada.

3. ATUAÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS COM CRIANÇAS DA ESCOLA PÚBLICA

3.1 Na Coordenação de Curso

A equipe integrante do Curso de Pedagogia representada pela sua coordenadora, supervisora de estágio, pedagoga responsável pelo Laboratório Pedagógico e professores, sob olhar atento do coordenador de área idealizou um projeto intitulado a Turma da Leitura que foi encaminhado à coordenação da COPPEX para a sua apreciação, com vistas à aprovação da direção acadêmica.

O referido projeto foi aprovado e seguiu seu curso numa trajetória de avanços contínuos.

3.2 Na escola de Origem das Crianças

As coordenadoras da escola faziam uma triagem e selecionavam os alunos com mais dificuldades, independente do ano em que se encontrassem, mas que demonstrassem pouco domínio de leitura. Esses alunos passavam a compor "A turma da leitura", projeto promovido pelo Laboratório Pedagógico do Curso de Pedagogia da FAHESA/ITPAC, coordenado pela

pedagoga, Francilene Alencar de Lima, responsável pelo Laboratório para ser desenvolvido pelas estagiárias, objetivando contribuir com a aprendizagem dessas crianças com um programa de reforço de aprendizagem.

Sob o olhar atento dessa coordenadora, de suas intervenções pertinentes e do acompanhamento desde o planejamento até a avaliação do trabalho, com a orientação da supervisora de estágio, o ritmo do trabalho seguia em evolução crescente.

Para Bianchi (2002, p.31): projetar é escolher, tomar posição, decidir e planejar, determinando o caminho a ser seguido. Delimitar a área é definir um campo de atuação ou de observação.

Objetivando contribuir com a comunidade escolar da rede pública para resgatar a competência leitora é que este projeto foi idealizado. O fato de colocar os estagiários em contato com alunos que querem aprender a ler, no decorrer do desenvolvimento do curso, foi outro ponto importante desta ação. Não foi tarefa simples selecionar a escola, pois havia demanda de clientela para a viabilização do projeto.

A parceria que se estabeleceu deixou marcas indeléveis, pois a par de todo um aparato preparado para ensinar a criança a ler e a ampliar a sua competência em leitura surgia uma escola extremamente interessada no sucesso de seus alunos no tocante à leitura e acompanhando passo a passo o desenrolar das atividades. E o projeto "Turma da Leitura" ganhou vida e passou a atingir a finalidade para a qual foi criado.

3.3 Na Sala do Laboratório Pedagógico

Na sala, os acadêmicos atendiam aos alunos, praticamente de forma individualizada.

Nesse estágio, atividades de leitura desfilavam sob as mais diferentes modalidades e advindas dos mais diferentes portadores de textos. E todos liam, animando-se a cada nova experiência vivenciada. Notava-se que a presença das crianças era constante. No horário combinado todas estavam no ambiente do Curso de Pedagogia da FAHESA/ITPAC prontas para iniciarem a aula de leitura.

Compete ao aluno estar atento, demonstrar seu conhecimento pela teoria aprendida, realizar seu trabalho com dignidade procurando dentro de sua área de atuação, demonstrar que tem competência, simplicidade, humildade e firmeza, lembrando que ser humilde é saber ouvir para aprender, ser simples é ter conceitos claros e saber demonstrá-los de maneira cordial. {...} é necessário que os professores, nesse sentido, incentivem a prática da leitura de seus alunos para sua própria valorização. (BIANCHI; ALVARENGA e BIANCHI, 2002, p.17)

Esse lugar foi devidamente ambientado, criando um espaço alfabetizador.

Foram utilizados elementos que contribuem para a alfabetização: alfabeto ilustrado com os tipos de letras, famílias silábicas, banco de palavras; números com suas respectivas quantidades; calendário; relógio de parede; lista de nomes dos alunos; cantinho da leitura; cartaz dos aniversariantes; ajudantes do dia; rotina do dia; combinados constantes no contrato didático e outros detalhes que alegravam o ambiente alfabetizador.

A Instituição de Ensino Superior, através de sua administração, além do espaço acolhedor, materiais didáticos e das estagiárias e professoras, servia lanches especiais para as crianças, ao final do período de trabalho. Tratava-se de uma atividade importante para o Curso de Pedagogia, onde os alunos podiam colocar em prática os ensinamentos sobre a aprendizagem de leitura, trabalhada nas aulas do curso, contribuindo com o resgate da leitura daqueles alunos que, embora evoluindo nos anos de escolaridade, continuavam com parcos domínios no que se refere às suas leituras.

3.4 Operacionalização

Esses encontros ocorriam três vezes na semana no turno da tarde, em período inverso ao horário das aulas dos alunos.

Um dos pontos altos deste trabalho foram as produções textuais espontâneas dos alunos; no início apresentando muito mais “erros”, apenas justapondo as palavras em frases. Mas, aos poucos, ganhando contornos de maior exatidão.

Na verdade passaram a ser perceptíveis muitas hipóteses que pouco a pouco iam sendo confirmadas ou refutadas.

No decorrer do trabalho, era evidente a receptividade dos alunos que iam evoluindo em sua aprendizagem de leitura.

Da mesma forma, evidenciava-se a satisfação dos estagiários que viam confirmada a preferência pelo curso escolhido, com a oportunidade do contato com o aluno.

O alcance dos propósitos definidos para esta programação foi amplamente atingido: dos vinte alunos participantes do projeto apenas 10% não demonstraram evolução no desenvolvimento das leituras, apresentando-se um resultado de 90% em nível de satisfatoriedade.

Merece registro a reação dos estagiários com o bom desempenho de seus alunos: lágrimas e sorrisos misturavam-se discretamente, frente a cada situação de registro do acompanhamento da aprendizagem, dado ao engajamento de todos e a vontade de atingir os melhores resultados.

Este foi um dos projetos que conferiu uma maior importância do Laboratório Pedagógico para o Curso de Pedagogia da FAHESA/ITPAC, pois foi possível manipular diferentes recursos e colocar frente ao aluno uma gama de jogos e de situações problemáticas para **serem solucionadas**, tendo presente o aluno concreto e ansioso por aprender e um estagiário confiante por afastar as incertezas do não vivido e desfrutar do prazer de ensinar o aluno a ler e a escrever.

Para Bianchi (2002, p.50):

Na vida acadêmica, o aluno deve buscar o conhecimento científico. Sistemáticamente construído, fugindo do senso comum. Assim, nesse universo tudo tem de estar fundamentado.

Sobre estágio, assim se expressa essa autora:

Estágio é o período de estudos práticos, exigido dos candidatos ao exercício de certas profissões liberais: estágio de engenharia, estágio pedagógico./Período probatório, durante o qual uma pessoa exerce uma atividade temporária numa empresa./Aprendizagem, experiência. (BIANCHI, 2002, p.50)

O estágio supervisionado, de acordo com a legislação vigente integra o currículo do curso de Pedagogia, estando disposto no seu Projeto Pedagógico de Curso, (2007).

A experiência de estágio de docência aqui descrita, ocorreu no Laboratório de Pedagogia do ITPAC com os alunos regularmente matriculados em colégio da localidade do 6º ao 9º ano com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento da competência da lectoescrita.

A idéia surgiu durante observação nos estágios anteriores, quando se verificou que nem todos os alunos ou a maioria dos alunos matriculados a partir do 6º ano não possuíam a fluência da lectoescrita exigida para as determinadas séries. Tal fato compromete a execução do fluxo de aulas exigido pela Secretaria da Educação do Estado do Tocantins.

Segundo Bamberger (2008), há níveis de fluência desejáveis e necessários para assegurar o sucesso do aluno ao longo do Ensino Fundamental, sendo que esses níveis se diferenciam em relação a cada ano cursado. Em seu Programa de desenvolvimento de fluências de leitura, Bamberger descreve os níveis de fluência desejáveis ao final de cada série, apontando que o aluno do 6º ano deve ler uma média de 130 a 140 palavras por minuto, o aluno do 7º ano deve ler de 140 a 170 palavras por minuto e assim sucessivamente.

Diante do fato exposto, chegou-se à conclusão de que a única forma de desenvolver a competência da lectoescrita desses alunos seria através de um atendimento específico, pois sob o desenho da pluridocência esses alunos estão sendo **empurrados** ano após ano, de uma série para outra, contribuindo com o fatídico resultado da má qualidade da educação.

O planejamento do estágio ocorre em período anterior ao atendimento, com o acompanhamento da supervisora de estágio. As atividades devem ser interessantes, de forma que os alunos mantenham-se entusiasmados com as atividades. A sistematização é feita através das fichas de leitura e escrita do Circuito Campeão e do teste de consecução de Leitura e Escrita da obra de Richard Bamberger (2008) Como Incentivar o Hábito da Leitura. O primeiro atendimento

consiste no diagnóstico que defina a realização do teste de consecução de leitura, para identificar a fluência da leitura e assim selecionar os textos e as intervenções pertinentes.

Nessa prática de estágio, essa ação ocorreu, no próprio recinto da Instituição de Ensino Superior, nas dependências do Laboratório Pedagógico do Curso de Pedagogia.

Leituras sugeridas em preparação aos estágios:

- Cagliari, Luiz Carlo. Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu; Dalazzen, M Isabel. Projetos Pedagógicos: cenas da sala de aula;
- Ferreiro, Emilia, Reflexões sobre alfabetização;
- Marcuschi, Luiz Antonio, Da fala para a escrita: atividades de retextualização.
- Solé, Isabel. Estratégias de leitura.
- Teberosky; Ana; Colomer, Tereza. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista.
- Abramovich, Anny. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices.
- Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.
- Kleiman, Angela. Oficina de leitura: teoria e prática. Kramer, Sônia.
- Alfabetização Leitura e escrita: Formação de professores em curso.
- Silva, Ezequiel Theodoro da Silva. O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.
- Zilberman, Regina. Silva, Ezequiel Theodoro da. Leitura - Perspectivas Interdisciplinares, entre outros.

A par dos estágios desenvolvidos em escolas, alguns estagiários e alguns alunos de escola pública vivenciaram uma experiência pioneira do curso, trazendo os alunos para o laboratório pedagógico do Curso de Pedagogia da FAHESA/ITPAC para que se procedesse ao resgate da competência leitora e escritora dessa clientela.

O registro desse trabalho mostrou resultados plenamente satisfatórios, deixando

abertura para a reedição do projeto dada a amplitude do alcance de seus objetivos.

Entre os textos e obras que serviram de subsídios para o trabalho de estágio, encontra-se “As considerações sobre produções textuais” de Reassilva Trilha Muniz e outros que consistiu em forte elemento de apoio às análises dos textos produzidos pelos alunos os quais puderam reconhecer e compreender o significado de suas hipóteses a respeito da escrita. Permitindo que se acompanhasse o trabalho, entendendo o processo de desenvolvimento desses aprendizes da leitura e escrita em ritmo de evolução crescente.

Inclui-se aqui o referido texto.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE PRODUÇÕES TEXTUAIS

Reassilva Trilha Muniz³ e outros⁴

O presente texto já publicado em revista do Centro de Documentação da UPF/RS ganha hoje projeção por servir de subsídio aos estudos da fundamentação de estágios do Curso de Pedagogia da FAHESA/ITPAC-TO ao tratar da produção de textos espontâneos.

Ao referir-se à questão da alfabetização, um grupo de professores refletiu e discutiu a respeito da produção desses textos, e após analisar as produções de alunos dos primeiros anos de escolaridade, incentivados a escrever espontaneamente, realizou registros que são aqui reeditados, pela pertinência de um assunto que não se esgota, dada a sua constância num ambiente alfabetizador.

De volta à pauta de discussões, embora em outra Instituição do contexto nacional, na região norte do país, esse texto é retomado para o estudo da produção de textos espontâneos, dirigidos a uma classe de crianças que passam a escrever com espontaneidade, quando já vinham sendo

rotuladas de analfabetas por evidenciarem poucos resultados no seu rendimento escolar.

A partir do desenvolvimento do Projeto de Estágio do Curso de Pedagogia “A turma da leitura” com alunos de uma escola pública que vêm para as dependências da FAHESA/ITPAC a fim de receberem um reforço para melhorar a competência leitora, ou seja, o trabalho de leitura, seguido da produção de textos espontâneos, tornou-se um elemento potencializador entre as atividades focadas na proposta alfabetizadora.

Segundo Cagliari, (1989): os textos espontâneos são evidências de um trabalho elaborado, processo de reflexão e construção de hipóteses sobre a escrita por parte das crianças que as formulam sobre a escolha de palavras para a representação de seu pensamento.

É importante salientar que a alfabetização que aceita o desafio e que se propõe como objetivo, à escrita de palavras que, muitas vezes nunca viu, cometerá mais “erros” de ortografia do que aquele que, simplesmente, justapõe palavras em frases estanques. No entanto, o autor de textos espontâneos superará mais facilmente suas dificuldades se os “erros” forem considerados como ponto de partida para avaliar o processo de aquisição de escrita e como indicadores de aspectos que devem ser trabalhados ou retomados.

Quando o professor for capaz de reconhecer os percursos das crianças e de entender, assim, as hipóteses que elas fazem a respeito da escrita estará evidenciando que optou por uma perspectiva epistemológica, na qual o aluno chega ao domínio da língua pela sua própria ação.

Nesse contexto, torna-se imprescindível o planejamento de atividades como instrumento hábil para geração de ideias por parte da criança, com o intuito de contextualizar tais ideias, surgindo daí um texto significativo para ela.

Os textos espontâneos analisados a partir da proposta de atividades desenvolvidas nas “Oficinas Pedagógicas” merecem as considerações a seguir elencadas:

1. Não há preocupação, por parte das crianças, com a forma de escrever, os textos são espontâneos;

³ Mestre. Docente do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC; Av. Filadélfia, 568; Setor Oeste; CEP: 77.816-540; Araguaína - TO. Email: reatm@hotmail.com

⁴ Adelir Von Helden, Anagele Cenci Gradashi, Élia P. Valendorff, Gelsa C. Martins, Ivante Rocha de Miranda, Inara Schonhorst, Maria Angela da Silva, Marilda Giovanoni Sartori, Marli L Scheuermann, Reassilva Trilha Muniz, Rosa Maria P. Giovanoni, Sarlete Crestani, Selima Valer.

2. Ressalta-se a capacidade de observações desenvolvidas pela criança, quando se trata de uma situação vivenciada por ela;
3. Os temas contextualizados permitem um maior envolvimento da criança com a produção textual;
4. As crianças pensam mais na forma como falam do que na maneira como escrevem;
5. A coesão e a coerência vão-se evidenciando assistematicamente para o aluno e, possivelmente, como fruto de um trabalho sistemático do professor;
6. O professor, ao evitar os modelos de frases de cartilhas, não propicia ao aluno a criação do protótipo de texto tradicional (frases estanques, justapostas);
7. Os alunos apresentam problemas de ortografia, de impropriedade vocabular, de concordância. Dentro da postura assumida pelo professor, esses são os referenciais com que irá trabalhar as dificuldades evidenciadas;
8. Os textos são significativos porque evidenciam situações do cotidiano da criança;
9. A influência da oralidade na língua escrita como repetições, uso de conectivos estão bem evidentes;
10. Os alunos contam as suas histórias;
11. As crianças vivenciam situações que favorecem a produção de textos;
12. A evolução no traçado das letras e da estrutura do texto, em relação aos textos das diferentes séries, é acentuada;
13. A preocupação, por parte do professor, em gerar ideias para que a criança tenha uma variedade de informações no momento de montar o texto, é uma constante;
14. Nos textos analisados com referência ao desenvolvimento do tema proposto observa-se a predominância de enfoques relativos às áreas de Estudos Sociais e Ciências, embora outras áreas estejam subjacentes;
15. A criança utiliza letras que são admitidas pelo sistema alfabético, no contexto em questão, mas não a palavra a ser representada ortograficamente, porce (porque), xão (chão);
16. A criança reflete sobre a própria pronúncia e a utiliza como referência para a escrita: amai (a mãe), istrela: (estrela), assim como apresenta outras influências da oralidade na escrita (hipótese fonética): pasteu (pastel), dizinha (dizia);
17. A criança utiliza, na sua escrita, palavras conhecidas, escolhendo para representá-la determinados fonemas: acanpamento (acampamento), pitangeira (pitangueira);
18. Os textos produzidos sobre os temas – passeio e história pessoal propõem noções de contexto, espaço, tempo, forma, cor, movimento, ambiente cultural, elementos naturais, perfis humanos, sobrevivência, aspectos linguísticos, organização familiar, além do estabelecimento de relações matemáticas ligadas a horário, à distância e a compra e venda, evidenciando marcas da interdisciplinaridade.

A partir da análise de alguns textos espontâneos, produzidos por crianças, pode-se concluir que a interdisciplinaridade é marcante em inúmeras situações de aprendizagem. Sabe-se que o conhecimento se apresenta, em sua totalidade, mas via de regra, há uma insistência em compartimentá-lo, em ver as coisas fragmentadas. Neste caso, pelo contrário, percebe-se a intenção de que o estudo seja feito, trabalhando-se todos os componentes de forma global, fazendo com que a interdisciplinaridade ocorra naturalmente.

Para D'Ávila e Costa (1993,p.93): a língua cumpre , assim, o objetivo que lhe é de natureza: instrumento de comunicação entre as linguagens comuns às diversas áreas do conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar.

Diante desta visão sobre o ato de produzir textos, concorda-se que não adianta mudar a concepção epistemológica sem mudar a concepção pedagógica ou vice-versa.

É um novo jeito de fazer educação, onde é imprescindível que a prática esteja assentada

numa sólida fundamentação teórica e onde a vontade de obter resultados positivos, em decorrência do processo ensino-aprendizagem, supere limites e dificuldades que são comuns na relação professor-aluno-conhecimento-meio e sistema de ensino.

A produção de textos espontâneos, que privilegia a interdisciplinaridade, incentivada pelo professor, é um momento especial do processo de aquisição e desenvolvimento da escrita. Já foi dito que é “o início do ataque de toda a mudança desse processo”, bem como o prenúncio de um avanço na qualidade do resultado das produções textuais, no universo das primeiras séries de escolaridade.

Ao analisar um texto produzido pela criança pode-se conferir a presença de inadequações da escrita, mas a leitura dos próprios textos permite que se perceba que, nessa tentativa, a ideia que se desejava expressar está ali, contida nessa produção.

As análises feitas com os textos produzidos pelos alunos da “Turma da Leitura” enquadraram-se nos registros presentes no texto “considerações sobre produções textuais”, evoluindo em termos de leitura que passa a ser realizada com maior fluência.

Nesse contexto, observou-se uma ciranda de ações, articulando-se a leitura em suas diferentes interfaces, com a produção de textos espontâneos, apresentando resultados tão significativos que impulsionaram a continuidade do projeto.

Dessa forma, o estágio do Curso de Pedagogia da FAHESA/ITPAC deixa de ser apenas uma formalidade para o cumprimento da matriz curricular e transforma-se numa importante estratégia de fortalecimento da aprendizagem, contribuindo para a melhoria da competência leitora e da escrita de alunos que voltaram a acreditar na sua própria competência e no fato de que é estudando muito, com quem ensina muito que se aprende, concluindo que aprender a ler é possível, quando se desenvolvem adequadas habilidades de estudo.

O professor precisa desafiar o aluno para o “desempenho competente da leitura, fazendo com que eles alcancem a desejada autonomia na compreensão e no julgamento crítico do que leem”. (MOLINA, 1992).

4. CONCLUSÃO

O desenvolvimento das habilidades necessárias à formação docente, tendo uma supervisora e uma pedagoga responsável pelo acompanhamento sistemático dos alunos, com a firme intenção de mudar uma situação de dificuldade para uma experiência exitosa em termos de aprendizagem, norteou este trabalho. Os estagiários precisam de segurança e ânimo para perseguir o firme propósito de ensinar crianças a dominarem a leitura e a escrita, adquirindo o hábito de ler para escrever melhor.

Nesse percurso, pôde-se perceber que um propósito encarado como meta a ser atingida, tende a surpreender as pessoas envolvidas, alcançando resultados surpreendentes. Foi o que aconteceu com a turma da leitura que recebeu o reforço de aprendizagem de que necessitava para que assumisse a posição de leitor e passasse a produzir seus textos espontâneos.

No cenário que se apresenta, aparecem os estagiários como sujeitos dinamizadores da ação pedagógica, oferecendo a sua contribuição para conseguir que as crianças se empenhem no ato de aprender.

Por trás deles, a equipe de supervisão de estágio chega com a disposição de orientá-los.

Se estágios em curso de formação de professores mostrarem aos estagiários o que eles precisam ler e o que eles são capazes de fazer no âmbito da sala de aula, com suas atividades pedagógicas desafiadoras, por certo, esse curso passará a ter sua imagem realçada no contexto dos cursos de formação de professores.

7. REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, R. Como incentivar o hábito da leitura. Rio de Janeiro: Casa das Letras 2008.
- BIANCHI, Anna Cecília de Moraes. Manual de Orientação: estágio supervisionado São Paulo: Thompson, 98p., 2002.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione 1889.
- D'AVILA, COSTA, A questão da forma versus conteúdo na produção textual. IN: Revista do Centro de Documentação. Passo Fundo, UPF A2 N°3, julho/dez/1993.

FAHESA/ITPAC. Projeto Turma da Leitura. Araguaína: Pedagogia, 2010.

_____. Projeto Pedagógico de Curso. Araguaína: Pedagogia, 2007.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. Práticas de Estágio Supervisionado em formação continuada. In: ROSA, Dalva Gonçalves (org). Didática e prática de Ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. 279 p.

MOLINA, Olga. Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudos. São Paulo: EP, 1992. 109 p.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.